

## Apresentação

Luiz Carlos Sollberger Jeolás

Professor do Departamento de Comunicação e Artes  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

E-mail: n.jeolas@gmail.com

Nélio Pinheiro

Professor da Universidade Federal Tecnológica do Paraná - UFTPR  
Campus de Apucarana/PR

E-mail: nelio@utfpr.ed.br

Patrícia de Castro Santos

Professora Adjunta do Departamento de Letras  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

E-mail: patriciadecastrosantos3@gmail.com.br

Quando recebi o primeiro convite para substituir meu orientador de mestrado e doutorado, Fernando Cury de Tacca/IA-UNICAMP, para selecionar e comentar, em parceria com Elisa Santiago – PPGAS, os ensaios fotográficos do III Seminário de Antropologia UFSCAR/CAPES, novembro de 2014, não imaginei que tal parceria renderia outros desdobramentos. Acredito que o convite para participar da R@U (Revista de Antropologia/UFSCAR), feito por Felipe Vander Velt, teve em vista minhas incursões pela fotografia e pela antropologia visual em suas articulações com os meios digitais. O ensaio fotográfico é acompanhado deste texto de apresentação que busca salientar a aliança entre texto e imagem, atores e personas, sem que para isso eu tenha que referenciá-los em sua forma escrito-literária. Seria, afinal, tudo imagem mesmo? A produção de fotografia de estúdio, assim como a de cinema, quando pressupõe o monopólio da criação apenas ao diretor, mesmo com a recente valorização dos roteiristas de cinema, pode deixar escapar questões fundamentais advindas de outras áreas do saber e fazer fotogr@fico (arro meu) que, se não articuladas, podem diminuir as camadas de leitura do ensaio final, obra ou peça imagética. Sugestões e até mesmo, ingerências dos colaboradores/atores devem ser reveladas e colocadas em pauta mesmo quando se corre contra o tempo. A execução do cronograma não deveria pautar o resultado, muito embora, ele determine. São aqueles diálogos que ajudam a transformar e, por conseguinte, conformar o valor simbólico de uso, de mercadoria ou estético de uma obra. Neste sentido, este legendário/apresentação vem apenas auferir algumas informações e interações

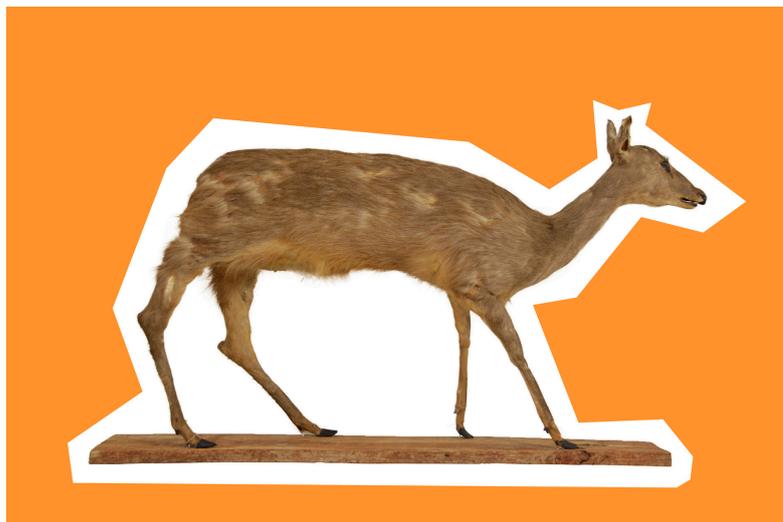


decorrentes dos inúmeros diálogos existidos antes da manufatura final do ensaio fotográfico, que culminou em dois dias seguidos, 38 horas, de fotos internas. Optei a sala de espetáculos não por possuir apenas iluminação e recuo cênicos, mas para acentuar, também, o conceito de atores sociais e o de persona. Será que esses atores encenam papéis com *scripts* predeterminados? Podem, luz, animais empalhados e objetos, assumirem dramaturgias distintas? Não por acaso, a DASC (Divisão de artes cênicas), lugar por excelência da arte corpórea – como se a fotográfica também não o fosse – é também lugar de expressão sonora, cenográfica e de figurino, sem que necessariamente uma subsuma a outra.

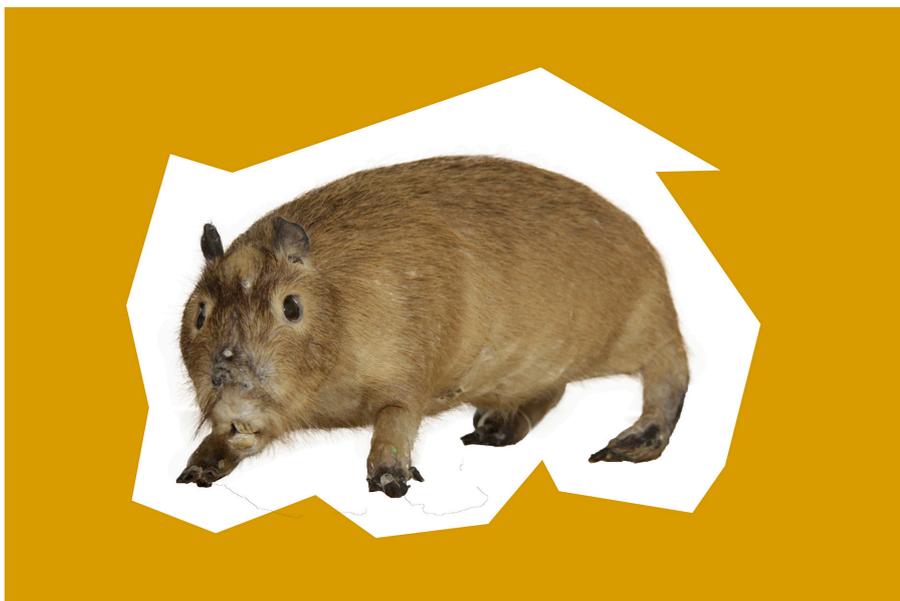
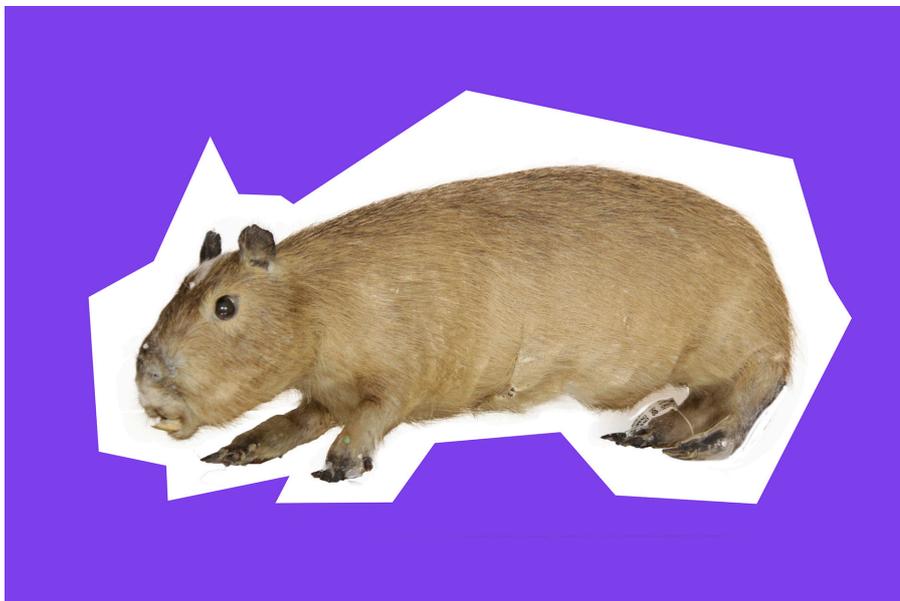
Será que artes visuais lidam mais com a permanência do que as cênicas? Seria esta última mais efêmera do que a primeira? Acho que não, mesmo se levarmos em conta o “lá estive” de Roland Barthes. Supor que as “visuais” detêm a primazia da materialidade seria um contrassenso em épocas digitais, vetórias ou virtuais (*Digital Humanities* em *Between Humanities and the digital- The MIT Press*, 2015). Aliás, há algo anterior a linguagem?



Como trabalho coletivo, percorri junto com o produtor, professor e estilista Nélio Pinheiro (UTFPR) ao menos cinco brechós e bazares, onde compramos algumas peças por 3,00 ou 5,00 reais bem como nos utilizamos de algumas de algumas de suas criações para compor aquilo que, senso comum, denominamos de figurino cênico e ou cinematográfico que se materializa na composição dos personagens, quer sejam eles “reais” e ou ficcionais dos espetáculos. Será que a *performance* utiliza-se de figurino, indumentária, traje, roupa, costume ou moda? Indumentária, também no meu senso comum, consiste nas tradições das vestimentas e ou costumes de povos/comunidades/tribos anteriores à própria ideia de moda conformada no e pelo ocidente. Nélio Pinheiro ressalta, em uma conversa com Luis Jeolás: “[...] busquei reconstruir os atores sociais Patrícia, Carina e Igor de Castro Santos, nos séculos anteriores ao XX, pelos elementos constitutivos tanto da vestimenta como da moda.” Ingerência dos materiais e estilos?



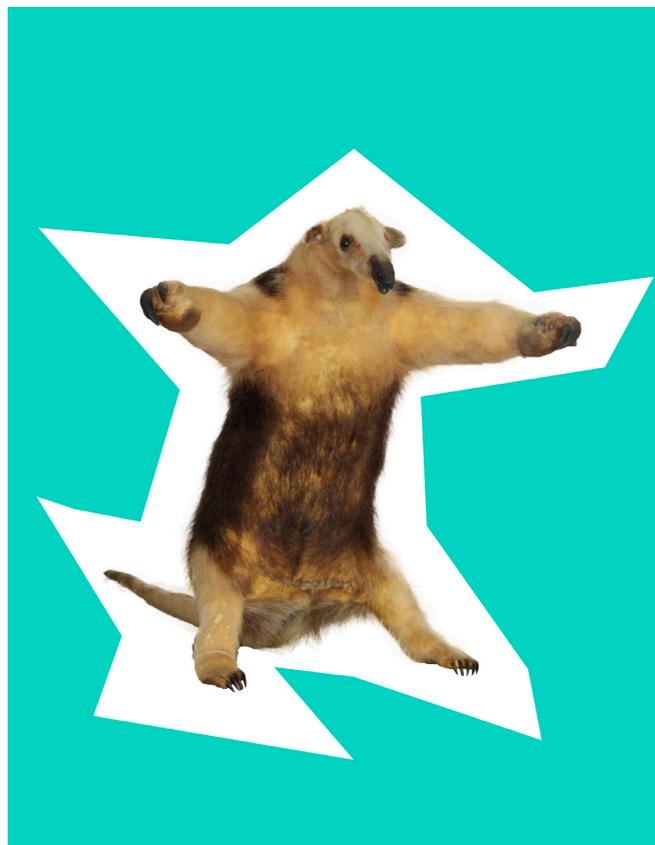
Vale lembrar que esses atores sociais não foram escalados em *castings* de agências de modelos ou tipos. Quando do convite, esbocei, de primeira, uma imagem mental de Patrícia, e seus dois filhos negros adotados. Patrícia é de São Paulo, mas vive e leciona letras na UEL. Eu também, assim como Nélio, o estilista, temos sobrinhos negros adotados. Coincidências das alianças? Pode ser. Mas, mais ainda por uma fala-memória de Patrícia, sobre a ideia de aliança vivida na taba indígena onde: “quem vê é quem cuida” que insisto em alianças extra familiar (tradição e propriedade) e nuclear de um trabalho e ou exercício estético, onde todos se veem e se cuidam. Quando passaremos a assumir e a entender que nossas responsabilidades deveriam ir para além daquilo que denominamos de família? Aliança familiar deveria se dar para além das consanguinidades



matri ou patrilineares e das adoções. Será que as imagens do menino curdo Aylan Kurdi afogado na Turquia e de rosa de Hiroshima não tem a ver com isso?

Mas isso tudo, imagino eu, poderá ser desconstruído e reconstruído pelos colegas mais conhecedores desta edição. Por ora, no exercício da liberdade “artística” a mim (nós) conferido, presto minha homenagem a uma outra mãe que tive: Neide Pinheiro, mãe de Nélio, que veio a falecer uma semana antes de entrarmos em estúdio. Para que eu me tornasse amigo de Nélio e de suas irmãs, foi preciso que Neide Zamuner Pinheiro literalmente me acolhesse no interior de seu coração e de sua Ford Belina nos idos dos anos 1970, quando eu fugia de um grupo de alunos que queriam me pegar, ela me viu correndo entre os carros estacionados em fila dupla na saída do colégio Hugo Simas de Londrina. Abriu e porta e disse-me: “entra, entra e se agacha aí no banco de trás, anda...” Desde então me tornei parte integrante da família. Detalhes que corroboram para a metafísica e para que materializássemos fotográfica e graficamente parentesco/parentalidade, o que, acredito, ter se dado polissêmica e ou literariamente e não literalmente.

Na imagem (imago), com reforço na fotográfica, as informações dos pequenos (1 e 0), e muitas vezes, importantíssimos detalhes, migram, contrabandeiam, ou mesmo importam (importar), detalhes que nos escapam do e no frenesi das imagens cotidianas circulantes. Aqui, como em alguns circuitos responsáveis e irresponsáveis das imagens, com preferência pelo segundo, aposto mais na insignificância dos detalhes do que na tônica dos mesmo. As academias e as licenciaturas em artes que se aproximam sobremaneira das tradições e dos esquematismos formais das belas artes, deveriam se submeter ao exercício da desconstrução metodológica e ao exercício da subversão



(versão) do e com o ensino. Não há para as licenciaturas em artes visuais outra possibilidade, neste momento, que seu próprio questionamento enquanto método e disciplina. Como a de muitas outras áreas do conhecimento, deveria ser, como já sabemos, libertadora.

Caminho sem rota e volta seguras. Está na leitura dos entremeios das camadas e pixels, nas entrelinhas dos textos e dos conceitos, e ainda nas incertezas os detalhes e as hiperpotências que não se dão a ver de imediato. Não nos deixemos iludir. Precisamos parar e pensar o que vemos e o que nos olha. Trabalha-se com a imagem e se vê pouco e mal. A transformação deveria ser do método. Finalizo com as palavras integrais de Patrícia, mãe de Igor e Carina, presentes, mesmo, nas imagens do caderno fotogr@fico.

### **Pela recusa de qualquer forma única de se definir família e relações de parentalidade**

Em primeiro lugar quero dizer que me darei o direito de escrever em primeira pessoa já que tratarei de mim e de minha família.

Parentalidade. Em verdade esta é a primeira vez que sou convidada a falar de parentalidade. Em outras ocasiões fui chamada a falar sobre o processo da adoção e a maternagem... mas sobre parentalidade é a primeira vez. E gostei disso.

O convite primeiro, para tratar da parentalidade, não foi o de escrever ou falar sobre isso. O convite implicava antes de tudo a própria parentalidade, ou seja, participar de ensaio fotográfico, com meus filhos... a imagem do que entendemos por parentalidade. Aceitei sem pestanejar, mas ainda era necessário que meus filhos adolescentes aceitassem o desafio.

O primeiro passo foi pensar a partir da palavra 'parente' que tipo de sentimento eu sentia despertar. O sentimento primeiro foi o de conhecimento de causa. Conhecimento que revela na imagem do abraço de nós três. Acolhimento, segurança, limite, amor, orientação, prumo. Precisava pensar um pouco sobre a questão antes de falar com meus filhos pois, certamente, viria a pergunta: o que é parentalidade?



Que delicioso engano... feito o convite a pergunta não veio, veio apenas o aceite da participação na aventura imaginada. Mas pergunta precisava ser feita, e eu fiz... Vocês sanem o que é parentalidade? E a resposta imediata, sem pestanejar veio... somos nós, nós três! Felicidade inenarrável saber o quanto sabem de si e de nós três.

Nós três:

Eu, Patrícia, mulher, mãe, solteira, descobri-me lésbica aos quarenta anos, branca, doutora, professora universitária...

Karina, filha, adolescente, mulher, estudante, negra, desejando, neste momento de vida, ser bióloga para trabalhar com conservação de golfinhos...

Igor, filho, adolescente, homem, estudante, negro, neste momento de vida desejando ser músico e viajar o mundo...

Neste ponto é necessário falar um pouco de como a parentalidade vem sendo definida e discutida e por fim retomarei a parentalidade no contexto da minha família e no contexto de produção deste trabalho.

Vou começar esta discussão trazendo Levis Strauss para quem a família não é fixa e não é, também, uma entidade em si. A família é o lugar onde se desenvolvem as normas de filiação e de parentesco, construindo sistemas elementares cuja finalidade é ligar os indivíduos entre eles e à sociedade.

Por muito tempo esta construção social, a família, se definia como, instituição que sustenta a sociedade, composta por pai, mãe e filhos. Ao longo do tempo essa instituição sofreu diversas modificações. Não se pode mais falar em um modelo único de família, contudo este ainda é o modelo - heterossexual e monogâmico – que persiste quando se discute as questões da parentalidade.

Em função das diversas transformações que a família sofreu, e vem sofrendo, optou-se por nomear os novos modelos de família em função de como o casal se organiza: monoparental, homoparental e recomposta. Embora estas mudanças sejam reconhecidas como existentes é





necessário reconhecer, também, que o surgimento das famílias homoparentais tem ameaçado o *status quo* da sociedade ocidental.

Mas aqui faço a opção - para minha satisfação de mulher, líder de uma família homo-mono-parental (criação minha) - pelo com o conceito de família proposto por Dubreuil (1998) que faz apelo aos afetos, ou seja, para ele família é um grupo de indivíduos que, por nascimento, adoção, casamento ou engajamento explícito, partilha laços pessoais profundos e têm, mutuamente, o direito de receber e o dever de oferecer, na medida do possível, diversas formas de sustentação, especialmente, em caso de necessidade.

Assim, considerando este conceito de família - que se baseia nos laços de afeto - e no que preconiza a Convenção dos Direitos da Criança (ONU/UNICEF, 1990) - definindo que “[...] é da responsabilidade parental e de outros cuidadores assegurar, de acordo com suas competências e capacidades financeiras, as condições de vida necessárias para o desenvolvimento da criança.” - aqui em casa, como em outras tantas casas tem uma família.

Aqui nesta casa, como em tantas outras, uma família se organiza de modo próprio e cria os vínculos de afeto e responsabilidade implicados no que se chama de parentalidade, ou seja, como parentes... nos escolhemos e nos definimos assim, temos responsabilidades uns para com os outros... eu sobretudo pois sou o adulto na relação e ocupo, por minha opção, o lugar social da mãe e não da ‘pãe’ (forma que costumo rejeitar já que cria uma imagem amalgamada de papéis sociais distintos).

É assim, portanto, que se constitui família e parentalidade, na cumplicidade do olhar, na firmeza das posições, na colocação clara dos limites, na expressão do afeto. E isso não mantém relação alguma como o gênero, com o sexo. Isso diz respeito apenas à ordem do que se quer... “e aqui queremos ser uma família. Queremos ser parentes. E porque queremos, somos!”

## Bibliografia

BARROSO, Ricardo G.; MACHADO, Carla. 2011. “Definições, dimensões e determinantes da parentalidade”. *Psychologica*, 52, 211-230.

DUBREUIL, Eric. *Des Parents du même sexe*. Paris: Odile Jacob, 1998.

LEVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares de parentesco*. 3. ed. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

RODRIGUEZ, Brunella C.; PAIVA, Maria L. S. C. 2009. “Um estudo sobre o exercício da parentalidade em contexto homoparental”. *Vínculo – Revista do NESME*; 6(1)1:13-27.

SVENSSON, Patrik; GOLDBERG, David T. (eds.). 2015. “Digital humanities”. In: \_\_\_\_\_. (eds.). *Between humanities and the digital*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

Recebido em Novembro 16, 2015

Aceito em Novembro 25, 2015





















